

A ORIGEM DO ISLÃ. O UNIVERSO MUÇULMANO. ALCORÃO E A CHÂR'IA

THE ORIGIN OF ISLAM. THE MUSLIM UNIVERSE. QURAN AND THE CHÂR'IA

*Antonio Augusto Machado de Campos Neto**

“O que está em cima é igual ao que está embaixo.
O que está dentro é igual ao que está fora”.

(Tábua de Esmeralda), cerca de 3000 a.C.

“Conceda-me, Senhor a serenidade necessária para aceitar
as coisas que não posso modificar; coragem para modificar
as que eu posso e sabedoria para distinguir uma da outra”.

(Emmanuel) psicografia de Chico Xavier.

Resumo:

O Islã até hoje continua em expansão e é fato que a cada cinco indivíduos no Mundo atual, uma é muçulmana em cômputo de mais de 2 bilhões de fiéis, sendo a segunda maior Religião da História das Religiões. Registra-se que 60% dos intelectuais que se convertem à sua escolha, torna o Islamismo mais que uma Religião e, sim, respeitável Nação sem fronteiras, devido ao espírito de universalidade que transcende qualquer distinção de raça, permitindo a cada povo integração ao âmbito do Islã e, ao mesmo tempo, conservação de sua cultura. Antes do Islã, na Península Arábica, a vida social era afetada pelos usos e costumes que a razão e a consciência repugnavam. A poligamia, a herança de mulheres, consideradas objeto qualquer e a prática da obscenidade são alguns assinalados; enfim, situação caótica do convívio árabe, antes do Islã. Judeus e cristãos, apesar de propagadores, não conseguiram reunir os árabes ou constituí-los em uma só Nação. No âmago desse caos religioso, social e político surge Mohammed (Maomé) agraciado pelo Qura'n (Alcorão), pregando obediência e adoração a um Deus Único, respeito ao ser humano, valorização do pensamento e da mente, auspiciando nova ética, novas Leis como, também, códigos morais. Especialista do Mundo Muçulmano, Peter Demant, professor da USP “a originalidade do Islamismo está inserida em seu programa político e social positivo, simples e reduzi-lo ‘à restauração da châr'ia como Lei obrigatória’”. Islamitas e muitos outros muçulmanos indubitavelmente se reconhecem nesta fórmula, pois ela é vaga demais, lembrando que a châr'ia não é sistema acabado, mas um método para dedução baseada em fontes islâmicas, regras obrigatórias (soluções) em ampla pauta de questões como rituais, sociais, econômicas, familiares, comportamentais, jurídicas, políticas e muito mais. Enfim, não há consenso fundamentado legalmente sobre as fontes em aplicações que se desenvolvem junto à evolução da sociedade que, por sua vez, sempre infiltra novos desafios, de maneira que especialistas não estão de acordo em seu conteúdo. Há

* Jornalista. Ex-editor da Revista da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo.

muitos movimentos e tendências fundamentalistas diferenciadas entre si, as quais se apresentam no desenrolar expositivo do artigo.

Palavras-chave: Originalidade do Islamismo. Châr'ia muçulmana. Mohammed. Alcorão. Sofismo Árabe.

Abstract:

Islam currently continues to expand so that among five individuals in the world today, one is Muslim. In counting more than 2 billion of believers, it is the second largest Religion in the History of Religions. It is registered that 60% of the intellectuals who convert at their choice, make Islam more than a Religion: affirm a respectable Nation without borders, due to the spirit of universality that transcends any distinction of race, allowing each people the integration to the scope of Islam and, at the same time, conservation of the own culture. Before Islam, social life in the Arabian Peninsula was affected by the customs and practices that disgusted reason and conscience. Polygamy, the inheritance of women, considered a object, and the practice of obscenity are some of the signs; in short, a chaotic situation of Arab coexistence before Islam. Jews and Christians, despite being propagators, were unable to bring the Arabs united or make them into one nation. In the core of this religious, social and political chaos, Mohammed (Muhammad), bestowed by the Qura'n, preached obedience and worship to a Unique God, respect for human beings, appreciation of thought and mind, promoting new ethics, new Laws as well as moral codes. Specialist in the Muslim World, Peter Demant, professor at USP, stated that "the originality of Islam is inserted in its positive, simple political and social program and reduces it 'to the restoration of châr'ia as a mandatory law'. Islamists and many other Muslims undoubtedly recognize themselves in this formula, as it is too vague, remembering that the châr'ia is not a finished system, but a method for deduction based on Islamic sources, mandatory rules (solutions) on a wide range of ritual, social, economic, family, behavioral, legal and political issues. Finally, there is no legally-based consensus on the sources of applications that develop with the evolution of society, which, in turn, always infiltrates new challenges, so that experts do not agree on their content. There are many fundamentalist movements and tendencies differentiated from each other, which are presented in the expository development of the article.

Keyword: Originality of Islam. Muslim Châr'ia. Mohammed. Koran. Arab sophism.

1. Introdução

Os muçulmanos são os seguidores do *Islamismo*, expressão do Islã significando “*submissão*”, uma vez a *Religião* reivindicá-la: incondicional à vontade de Deus, conhecido como *Alá*; a Fé revelada por Seu intermédio ao profeta Mohammed com conteúdo transmitido na palavra divina coligada ao *Livro Sagrado* intitulado *Alcorão*. A crença se exprime na fórmula denominada *chahada* ou “*profissão da Fé*”. Os muçulmanos creem em Juízo Final e na vida após a morte tanto no Plano Celestial

quanto no Inferno, seguindo orientação espiritual do *Alcorão* e dos *hadiths*, traduzidas em palavras e atos de Mohammed e seus fiéis companheiros. O *Alcorão* se apresenta em evidente nascimento histórico, conforme revelado ao apóstolo pelo Criador, bem como a profunda transformação estrutural dos povos árabes. E transmitido de geração a geração por Mohammed, retraído em adoração/meditação, no Monte Hira, próximo a Meca, surgindo a revelação do primeiro versículo:

Em nome de Deus, Clemente, Misericordioso.
Lê em nome de teu Senhor que tudo criou; criou o homem
de um coágulo. Lê que teu Senhor é generoso, que ensinou
o uso do cálamo, ensinou ao homem o que este não sabia.

Sendo uma das dezenas assertivas do por quê o Islã se apresenta no meio religioso internacional como a que mais cresce; a primeira em expansão à natalidade, embora, como o Catolicismo, hostil aos contraceptivos, fato de por si só não ser totalmente codiscente à explicação desse fenômeno. Existe ainda confusão em relação à etnia dos muçulmanos, em cômputo analítico generalizado, a maioria a classifica em denominador comum, isto é, árabes e muçulmanos vêm da mesma etnia. Todavia, nem todos os árabes são muçulmanos e apenas uma delas árabe.

No Mundo atual, a maioria dos muçulmanos vive em Estados de baixa renda: Nigéria, Paquistão, Indonésia, Iraque, Sudão e Bangladesh; outros, de média renda: Egito e Índia; e numa proporção inversa, existe entre renda familiar em consonância ao tamanho dos membros familiares; sendo assim, apesar do crescimento da natalidade em proporção à progressão geométrica ser fator importante à expansão do Islã, a evolução muçulmana está simplesmente vinculada à *Religião* propriamente dita. Outro dado plausível contabilizado é o da conversão estritamente religiosa e significativa ocorrida na Europa e nas Américas. Na conversão a outras *Religiões*, os muçulmanos são inatingíveis, uma vez o abandono ao Islã ser classificado *apostasia*, crime cuja condenação é a morte.

Aproximadamente mais de 230 anos a influência do Cristianismo diminuiu muito na Europa; todavia, relação antagônica com o Oriente Médio só se exacerbou por motivos geopolíticos e econômicos, lembrando que quase todos os Estados islâmicos se posicionavam enfraquecidos; *mas a Religião brilhou avançando em evolução surpreendente dada* estratégia vinda por meio do monopólio de áreas privilegiadas, tornando-se potências milionárias, desde o Estreito de Omã até as fronteiras nortistas. Em saldo infinitamente maior, em comparação às potências europeias: todo o petróleo do Mundo, em grande parte, lá se encontra!

Além de o Islã expandir, fortalecido pelos missionários que o seguem, o cômputo de muçulmanos convertidos chega a mais de 2,5 bilhões, classificando-a na segunda maior *Religião* do Mundo contemporâneo: muçulmanos são encontrados em todos os países, incluso o Brasil, acolhidos por intelectuais que o adotam com muita Fé

junto ao Deus Único. O Islã nasce de uma Região desértica, habitada por nômades e politeístas para centenas de comunidades modernas expansionistas monoteístas; em saldo premiado. Interessante voltar na *História da Humanidade* de que o Império romano, por meio do Exército, em suas múltiplas conquistas, atinge a Região da Península arábica, que passou a integrar aos mapas romanos; todavia, não viu nenhuma valorização, classificando-a apenas como Província arábica. Por outro lado, beduínos, árabes do deserto – organizados em tribos –, eram de etnia semita, cujo idioma, o árabe, se torna falado por toda aquela Região, disseminado pelas caravanas que constantemente, cruzavam a Península arábica.

Ao passar dos tempos, a descoberta de camadas de fósseis, o petróleo, tornam a Península, agora dominada pelo povo árabe, verdadeira panaceia ao progresso, remediando males e empecilhos da Zona arábica, considerada inóspita pelo Império romano. Região preciosa ao comércio e à indústria, quando nasce um Estado de primeira grandeza econômica em poderoso nível internacional, ultrapassando o Ocidente.

A Costa era ocupada por tribos sedentarizadas que habitavam Meca e Yatrib, atual Medina, sendo as duas cidades as principais pelas riquezas do mercado local e onde viviam comerciantes e artífices que exportavam para o Ocidente produtos como incenso, tâmaras e incomparáveis perfumes. Porém nem beduínos nem árabes urbanos tinham governo centralizado, uma vez prevalência da organização tribal. Os conflitos existiam prontamente amenizados pelos líderes patriarcais dos clãs que, apesar das diferenças culturais, eram da mesma raça e se diziam descendentes de Abraão – Ismael, filho de Agar –, ressaltando que a *Religião* local era influenciada pelo Judaísmo, afetando o poder patriarcal; período em crença crescente do Deus Supremo, Alá. Nesta conexão, a adoração aos *djins* ou gênios, a exemplo da lâmpada maravilhosa de Aladdin, por meio de totens, dando continuidade ao politeísmo, fruto dos ancestrais, em fantástica imaginação narrada de geração em geração, alicerçando histórias encantadoras – aproveitadas pela indústria moderna cinematográfica –, como o filme *Ali Babá e os 40 Ladrões, 1960*.

2. Mohammed e o Alcorão

Mohammed (530-632) recebeu 114 *suratas*, inseridas no *Alcorão*, reveladas pelo Criador, consideradas palavras sagradas; todavia, existem outras expressões ditadas pelo profeta no *Hadith*, significado de “tradição”, mas estas não são consideradas sagradas. O *Alcorão*, é lido por 1/6 da população mundial que recita todos os dias seus trechos espirituais em mesquitas, sendo as mais belas situadas no Marrocos, no Egito, na Índia e Istambul, a *Mesquita Azul*. O *Livro Sagrado* traz comportamento social e educativo aos fiéis nas Escolas muçulmanas. Não há evidências de que Mohammed era alfabetizado, ou seja, se sabia ler e escrever; todavia, existem provas de que seus fiéis seguidores registravam o que o profeta ensinava, lembrando que a época era carecedora de papel.

E, assim, se utilizavam de qualquer material encontrado: pergaminho, peças de couro legítimo, cascas de palmeiras, ossos de camelo e tábuas abandonadas.

Após a morte do profeta, os seguidores se tornaram exímios escrivães, os quais compilaram todos os fragmentos meticulosamente em juntada, a nascer o *Livro Sagrado* que nos seguintes anos recebe textos adicionais ao original, no intuito de maior compreensão ao leitor. As anotações finalizadas não são ordenadas cronologicamente; porém, em consonância ao tamanho das *suratas*, sendo que capítulos maiores seguem em primeiro lugar, diminuindo na sequência.

Por último, enfatiza-se que Mohammed recebeu a maior parte das revelações na cidade de Meca (Yatreb) onde nasceu, mais tarde rebatizada de Medina. O profeta, em meditação, inesperadamente escuta a voz do Arcanjo Gabriel, instruindo-o por meio de palavras que formam o início da *surata* 96. O profeta estabeleceu novas *Leis* e *Códigos* de conduta moral; afirma aos adeptos que o *Juízo Final* provaria ser ele o verdadeiro profeta escolhido por Alá, *surata* 81. Recrimina hábitos dos nômades árabes; dentre eles, o desprezo aos recém-nascidos do sexo feminino – enterrados ainda vivos –, qualificadas *indesejáveis*. Mohammed teve o mérito de abolir, de fato, o costume criminoso assinalado no Islamismo. Premissa final: a *Religião* extirpando crime hediondo na *História da Humanidade*.

Das mais extensas *suratas* é a segunda, contendo itens importantes da revelação e, por isso, intitulada *mini Alcorão*: aborda comentários do Inferno e do Paraíso como, também, edita normas de alimentação, prega a moral, ensina ritos corretos, orienta comportamento a ser seguido pelos muçulmanos, mediante judeus e cristãos, estabelece regras às mulheres, advindo o uso da *burca*, regras para o casamento, o divórcio e demais temas; dentre eles, o da Guerra Santa. A segunda *surata* é chamada de *A Vaca*, palavra que, por sua vez, remete mais tarde atenção aos ouvintes: a famosa *história da vaca amarela*.

O ministério do profeta se inicia pela própria conversão junto à sua família, instruindo-a à crença de um Deus Único, Alá; logo depois – precisamente três anos depois –, foi seguido por pequeno grupo. Inicia a pregação em coletividade coroaixita que se reunia em frente a Caaba. Mas seus ensinamentos entram em choque com os líderes que não compreendiam a invisibilidade divina de Alá, ou seja, negação ao Monoteísmo. E também, em caso de implantação pelo profeta, prejuízo à peregrinação dos fiéis em Meca e conseqüentemente diminuição ao comércio relevante, ali existente. Até certo ponto, compreensível se se examinar que no Mundo atual ainda existem cidadãos que não têm Fé, classificados como incrédulos ou ateus. Mohammed, alertado pelos companheiros, percebe o perigo, mediante subversão aparente e devidamente notificado de que os coroaixitas tinham intenção de assassiná-lo; nesse contexto foge para Yatreb, em 622, data conhecida como *Hégira*, tornando-se também o marco inicial do calendário muçulmano.

Nesse capítulo, o profeta é aclamado pelos seguidores, agora em número significativo, exceção ao contingente judaico opositor em adotar o Islamismo. Inacreditavelmente, judeus habitantes daquela Região aos poucos se convertem ao Islã. Mohammed implanta, a partir daí, Governo teocrático, transformando Yatrib sua base militante e também muda o tradicional nome da cidade para Medina, aclamando-a sua cidade. A fuga em si conscientiza o profeta da inútil tentativa de conversão pacífica – seu maior desejo –, e assim opta pela *Guerra Santa*. Meca é sitiada e obrigada a aceitar o retorno de Mohammed, retrocesso respaldado pelo apoio dos beduínos convertidos que destroem imagens pagãs guardadas no interior da Caaba, exceção à famosa *Pedra Negra*, meteorito idolatrado há séculos ali instalado aos visitantes para conhecê-la. O elo entre as tribos é mantido e, em 630, torna-se Estado árabe, fortemente concretizado, unido, em torno da bandeira do Islamismo junto ao único líder, Mohammed, que assume não apenas o poder político como, também, a *Religião* até a sua morte.

A tradição lendária relata que o profeta ascendeu ao Céu numa nuvem branca dourada, sem antes ter percorrido, em um dia, o trajeto Medina-Jerusalém como também de ter dado a volta no Universo montado em seu cavalo alado; despedindo-se deste Mundo estranho no local atual do *Domo da Rocha*, em 632, aos 63 anos de idade. Mohammed morreu sem deixar indicação de quem o sucederia e uma tensão eclode entre duas tendências. A primeira tinha preferência pela honra de linhagem profética à família do profeta, cujo pretendente era Ali ibn Abi Talib, genro do profeta, casado com sua filha Fátima; um grupo minoritário. Na segunda, a opinião na tendência era a de qualquer fiel, desde que candidato adequado e devidamente aceito pela comunidade. Ressalta-se que este antagonismo teria sérias implicações em poucas décadas.¹

¹ Mohammed foi o criador do Islamismo e personagem principal da mudança cultural territorial onde inexistia organização e instituições políticas; tampouco sentimento nacional. O sonho deste iluminado homem era o de unir um povo, com identidade comum, além do idioma e da raça. Presume-se que tenha nascido em 570, no clã dos haxemitas, classe pobre da poderosa tribo coraixita e de que seu pai, Abde Allah, faleceu em batalha antes de seu nascimento como, também, de que a mãe, Amina, morreu quando ele tinha apenas 6 anos de idade. Outras fontes afirmam que Amina teria falecido semanas após o nascimento do filho. Mohammed, órfão, passou para a guarda do tio Abu Talib, da tribo coraixita, onde viveu desde cedo auxiliando a tia no comércio, acabando por se tornar condutor de caravanas, atravessando o deserto e mantendo contatos com judeus e cristãos, recebendo profundas influências religiosas. Com o passar dos tempos, desenvolveu natureza pessoal extremamente religiosa com perfil de homem calmo, ponderado e meditativo que ficaram notórios pela sua sinceridade, virtudes que fizeram que fosse constantemente requisitado para arbitrar disputas, incluso as jurídicas. Mas alguma coisa o desgostava; dentre elas, a decadência de sua sociedade. Ao completar 25 anos se casou com a prima, Kahdija, viúva e mulher de posse, dona de camelos, destinados ao comércio. O casamento proporcionou estabilidade ao profeta e a partir daí começou a formular os princípios de nova doutrina religiosa e iniciando período de meditações e jejuns. Com Kahdija teve quatro filhos que infelizmente três deles morreram devido ao calor desértico; mas conseguiu criar a última filha, Fátima.

O consenso convergente recai sobre um velho companheiro do profeta chamado Abū Bakr que chega a consolidar o poder muçulmano sobre os árabes, cuja sucessão se realiza, em 634, por Umar ibn al-Khattab, o qual conquista vastas áreas fora da Península, enfatizando o Império bizantino: Egito, Síria, Palestina, Mesopotâmia e parte do Cáucaso que, doravante, são domínio dos muçulmanos. Nem todos os lugares se submetem ao Islã; porém, Umar Al-Khattab introduz regras de severidade exemplar. Um terceiro califa, Uthman ibn Affan, 644-656, conquista o Império persa e o islamiza, época em que a expansão e a exploração dos territórios ocupados pelo Islã; riquezas iniciam a fluir em mãos dos clãs árabes. Regiões majoritariamente cristãs, as quais foram coagidas a se converterem ao Islamismo.

Ali ibn Abi Talib finalmente assume, em 656, as divisões que eram profundas demais para que ele conseguisse impor autoridade que, por sua vez, era contestada por Um'awin, pretendente ao califado que pertencia aos Banu Umayya, outro ramo do grupo dos coraixitas; segue-se uma guerra civil e Ali Talib é assassinado, em 661. Em novo capítulo, Mu'awiyya funda a primeira dinastia califal: a dos Omíadas, geração que havia convivido com o profeta. O fundador se muda para Damasco, capital da nova potência daquele período.

Após a *Fitna* ou guerra civil, a maioria árabe aceita a pacificação sob Mu'awiyya de que o novo califa, obrigatoriamente, deveria ter laços consanguíneos com Mohammed: o filho mais velho de Ali Hasan, neto do profeta. Prevalece a tese do grupo xiita surgido da xia, shīa, partido de facção de Ali; todavia, Hasan renuncia e logo depois é assassinado e seu irmão Housain torna-se sucessor. Mas ele também é decapitado pelas tropas omíadas em outubro de 689, fato que se converte em martírio, acontecido em Karbala, no Iraque, e marcante até hoje aos xiitas.

3. Impérios árabes Omíada e Abássida.

3.1. A dinastia Omíada governou de 661 a 750, expandindo-se desde a Espanha até o Rio Indo num Universo muçulmano crescente e em período de transição de jovem comunidade religiosa a Estado centralizado. E nessa inicial estrutura, o poder do monopólio açambarcado pelos hábeis árabes, mediante guarnições fronteiriças e momento em que mercadorias não árabes procuravam assentamentos parceiros que, aos poucos, se tornam cidades prósperas: origem de Fustat-Cairo, Kairouan, a bela Bagdad, Bastia ou Basra e demais outras cidades.

A casta dominante tinha controle administrativo e militar, mas limitado e passa a adquirir glebas de terras e à exploração do trabalho da população nativa, majoritariamente zoroastrista e cristã. A camada árabe se integra aos países de sua colonização e o idioma árabe se dissemina, por meio da *Religião*. Os laços árabes e

elites locais nativas se aprofundam, enquanto a solidariedade interárabe enfraquece inesperadamente; período em que certas expressões regionalistas são reprimidas pelo califado, a submissão diminui a tradição peninsular igualitária e um absolutismo califal se instala, respaldado pelo legado de cismas originais. Duas revoluções monoteístas se sucederam; a primeira, durante vigência do Judaísmo em cenário que o Mundo antigo era povoado por multidão de deuses, representantes de forças naturais e demais manifestações em forma de animais; em mescla de semelhança humana e outra de animais diversos como leão, serpente, vaca e de figuras aparentemente de seres extraterrestres.

A outra revolução monoteísta eclode em período crescente do Cristianismo, influenciando o Islã – nos mesmos moldes do Judaísmo – em data de 33 d.C., tradicional pela crucificação de Jesus de Nazaré, como, também, da Igreja primitiva cristã que descarta ritos judaicos; dentre eles, a circuncisão, usos e costumes como o de alimentos ritualmente puros e de tabus, a regulamentação de isenção de trabalhos aos sábados, o shabat. Mediante abandono de tais obrigações, cresce a conversão ao Cristianismo, sendo a Fé a pedra fundamental a não judeus, isto é, pioneiros na cristianização em Regiões desenvolvidas do Oriente Médio: Síria, Egito, Cáucaso, Etiópia.

O Islã (*din*) é uma *Religião* completa de robusto conteúdo: a Fé, normas de conduta social e jurídica e, ao mesmo tempo, uma comunidade (*umma*); um *modus vivendi* ou tradição (*sunna*) que regulariza ânimos e anseios a uma vida mais próspera ao ser humano em etapas a cumprir ao seu desenvolvimento: educação, relacionamento social, familiar e comunal, baseados em fontes sagradas. Enfim, concentração a um sistema jurídico, social e religioso: a *châr'ia muçulmana*, o caminho correto. O leque de *Religiões* monoteístas, enfaticamente às que têm em seu contexto *Livros Sagrados*, são respeitadas pelo Islã mas também politeístas, o Hinduísmo. Aos não muçulmanos recebiam *status* de comunidade protegida (*dhimma*); todavia, esse grupo tinha de aceitar símbolos externos como a determinação do modelo usual, ditado pelos líderes; em anexo a marca de sua inferioridade.

A virtude do Islã insere-se na panaceia de seus membros voltados na busca de remediação de todos os males impeditivos de bloqueio ao caminho correto. Exigia-se o pagamento da *jizya*, imposto reivindicado, individualmente, a cada cidadão, no intuito de identificá-lo ao reconhecimento da primazia do Islã e de resgate do serviço militar, significando, segundo Peter Demant, “a da não participação no *jihad*, reservada exclusivamente aos muçulmanos”, os *dhimmis* podiam, por sua vez, continuar professando livremente sua *Religião* e participação na sociedade. Por fim, os *dhimmis* tinham situação mais confortável e privilegiada em parâmetro às minorias não cristãs na cristandade.

A conversão propiciava bônus econômico, pois os novos muçulmanos eram isentos do pagamento da *jazy*; o Império muçulmano desenvolvia interesse econômico paradoxal, mediante a não conversão dos *dhimmis*, uma vez que convertê-los significaria

deixar de arrecadar quantias monetárias oriundas dos impostos e, desta forma, convertidos, libertos, passam a participar do Exército, poder compensado por meio do aumento do espólio da guerra.

Por fim, além da *Lei de Atração*² pelo Islã, a nova *Religião*, significava *status* de poder; mas, no Período Omíada, os não árabes convertidos ainda não se beneficiavam quanto aos direitos igualitários do grupo original muçulmano, composto totalmente por árabes. Os recém-chegados continuaram discriminados e obrigados a se vincular às tribos árabes de posição inferior, os *mawali*, que reclamavam a situação em território persa. Naquela época, a Pérsia abrigava tradição cultural com o surgimento do Zoroastrismo praticada por grande parte de sua população; todavia, o Islã arrebatava fortemente seus ocupantes, convertendo-os a participar do novo Império muçulmano ali instalado.

3.2. O Império Abássida. Capítulo do período 750-1258, mediante integração de funcionários nativos de alta evolução, quando o Império Omíada absorve influências gregas e persas, mas a institucionalização do poder imperial afeta a primordial pureza muçulmana. A partir daí, o califa se torna monarca semidivino, absoluto e afastado, motivado pelo absolutismo. Um processo que se completaria, sob nova dinastia e descontentamento dos novos muçulmanos; a partir de 740 emerge revolta dos *mawali*, tendo à testa a liderança de Abual-Abbas, parente de Mohammed, que havia derrotado os omíadas e tomado posse de quase todos os territórios.

Somente um herdeiro omíada escapa, fugindo para Espanha, onde um ramo dessa dinastia se manteve até o ano de 1031. Revolução intitulada *abássida* e determinante ao poder da nova dinastia, iniciada com a implantação dos direitos igualitários, criados por normas jurídicas de igualdade a todos os muçulmanos, árabes e não árabes, acarretando consequências: o fim da supremacia árabe e a ortodoxia religiosa, tornando-a único respaldo político-social como, também, questões teológicas se tornam peso político de maior valoração. Por fim, permissão à igualdade aos não árabes, surgindo influxo desta classe às camadas de elite, os persas, facilitado pela transferência da capital para Bagdad. O movimento traz prolongamento à paz interna, justiça e tolerância aos súditos, os quais se apresentam satisfeitos com a política do Império Abássida que, por sua vez, se torna poderoso e evoluído no Mundo daquele período.

² Religiões como o Hinduísmo, as de tradição hermética, o Budismo, o Cristianismo e o Islamismo como, também, civilizações ancestrais, Babilônia e o Egito, transmitiram o conhecimento da Lei de Atração, por meio de seus escritos e pela história repassada aos escribas registrada através das Eras em todas as formas disponíveis; a Lei de Atração pode ser encontrada em vários textos antigos, inclusive gravada em pedra em 3000 a.C. e embora muitos homens tenham cobiçado esse conhecimento ela sempre esteve ao alcance de todos que a quisesse descobri-la. A Lei de Atração existe desde o início dos tempos, sempre existiu e sempre existirá. Em 1912, Charles Haanel, (1886-1949) filósofo e escritor norte-americano descreveu a Lei de Atração como “a maior e mais infalível de todas as Leis, da qual depende todo o sistema da Criação”. O rodapé em pauta foi extraído do Livro “The Secret” (“O Segredo”), de Rhonda Byrne.

Por outro lado, na Europa, a expansão muçulmana é parcial e no ano de 732, por Carlos Martel na Batalha de Poitiers e no Mediterrâneo, a Sicília é tomada. Em 755, os abássidas derrotaram a China da Dinastia Tang, expandida na Batalha de Talas e estabeleceu na Ásia Central delimitação duradoura entre as duas influências: a chinesa e a muçulmana. Até 945, período próspero e espantoso crescimento cultural chamado *Época Dourada*; ecos do passado que deveriam ter permanecido, o que nunca aconteceu. Lembra-se que, nessa época, a maioria da população do Império Abássida se torna muçulmana, de etnia minoritária religiosa, a qual deixou de ser produtiva.

Todavia, o idioma explode nas liturgias com limitação crescente, uma vez nem persas nem turcos adotarem o idioma arábico como vernáculo no século X. Turcos e persas iniciam, neste século, infiltração no Oriente Médio com saldo da arabilização contínua, finalizando com a disseminação do idioma que se constituiu, até hoje, abrangência desde o Norte africano e Sudoeste asiático; do Oceano Atlântico ao Golfo Pérsico, notadamente Regiões fronteiriças turcas e iranianas, atingindo o exótico Sudão. E assim, o árabe se mantém sendo a língua sagrada de todos os muçulmanos.

Existem lugares, entretanto, não muçulmanos onde o processo de assimilação não alcançou êxito até os dias atuais; três tipos de minorias: *arabófonos*, a exemplo dos *maronitas libaneses*; muçulmanos *não arabófonos*, curdos e berberes marroquinos e, finalmente, grupos nem muçulmanos nem árabes, os armênios. Esses grupos são localizados em bolsões demográficos delimitados territorialmente intitulados *cabiles argelinos* como, também, *curdos* no Iraque, Irã, Turquia, dispersos em diáspora, caso do grupo dos judeus antes da fundação do Estado de Israel, 1948. Um último grupo minoritário, os *cismáticos* muçulmanos, reunidos em seitas xiitas, radicais e esotéricas: *drusos*, *ismailitas*, *clawitas*, *cariditas* e *babais*. Premissa final: percebe-se a heterogeneidade no Universo muçulmano e grande diversidade étnica-religiosa nos séculos XV, XVI e XVII.

4. Xiitas e Sunitas

Mohammed não deixou indicação à sua sucessão, acarretando divisão em duas correntes a se posicionar nessa liderança, ou melhor, quem seria de fato o verdadeiro sucessor, motivo de divisão no Islamismo. Os xiitas interpretaram que os três primeiros califas eram usurpadores. Em 8 de junho de 632, Abu-Bekar, sogro do profeta, é nomeado à sucessão, por meio de eleição com participação de todos os líderes. Os sunitas se basearam no *Alcorão*, aceitam a *Sunna*, Livro apêndice, que registrava os feitos de Mohammed, reunidos em único bloco.

A eleição é aprovada e Abu-Bekar se elege tanto como califa quanto sucessor. Porém, reprimenda surge na facção oposicionista, os xiitas, embasados ao *princípio de cargo eletivo*, alegação tradicionalista de linhagem sanguínea, indicando ser

o líder sucessor, *imane*, o genro do profeta, Ali ibn Abi Talib que se casou com a filha dele, Fátima, e dando ao profeta dois netos: Hasã e Husain. Na gestão divergente e governante de Ali, rivalidades entre sírios causa violentas batalhas sangrentas e – no intuito de se evitar contínuo derramamento de sangue –, resolvem submeter as disputas ao arbítrio do califa. Ali Talib desaponta parte dos seguidores e sua liderança se torna enfraquecida; alguns seguidores se posicionam inimigos mortais, com sequência trágica, em 661: o seu assassinato. Ele foi morto por um *caridjita*, dissidente, fanático e desequilibrado, que se utiliza de um sabre envenenado para matá-lo, abalando significativamente o Islã.

Os xiitas sempre se posicionaram místicos; acreditam ter existido apenas doze verdadeiros *imames* e que o último, Mohammed al Muntazar, desapareceu em uma gruta da *Grande Mesquita*, em Samarra, em 878. Ele não deixou descendentes, tornando-se o *Mustatir*, o *imame* oculto ou *Muntazar*, o *esperado*, que em devido tempo retornará como *Madi*, divindade-guia na restauração do Islamismo como, também, reparar e preparar o Universo muçulmano ao final dos tempos. Os xiitas cobrem 35% da população muçulmana; os demais são sunitas. Eles são maioria no Irã, no Bahrein e no Azerbaijão. A Turquia tem a maior população muçulmana, atingindo 95% dos turcos no Corno de Ouro, o Bósforo, que liga a Europa à Ásia.

Islã, em árabe, tem raiz etimológica em outro termo, *salam*, significado de paz; porém, traduzida *submissão*, *rendição* e *entrega* mas na *Religião* islâmica tem o sentido de total submissão à vontade de Alá, termo árabe que designa o ocidental Deus Único. Premissa final: o praticante do Islã é chamado *muçulmano*. Finalizando, o xiismo continuou movimento contestatório mediante a legitimidade califal. Após o martírio do *sayyid*, significado de *senhor descendente* do profeta Hussein ibn Ali, o terceiro *imã*, ramificação da linhagem de *imãs* da sua família e sua sucessão; todos martirizados pelos sunitas, época em que eram raros os sucessores políticos. Após o assassinato do quinto *imã*, Zaid, em 740, os seus seguidores, *zaiditas*, conseguem, em pequeno período, controle setentrional do Islã. A morte do sexto *imã*, Já'far al-Sadiq, em 765, coincide com nova onda de perseguição aos xiitas no Império Abássida, quando eles passam a adotar a *taqiy*: negação oportunista das verdadeiras crenças, tática que permite a sobrevivência, instalada no Iêmen, permanecendo até o século XX.

Em parâmetro à corrente sunita, o xiismo se aparenta mais suscetível à fragmentação mística e sectária. O filho de Já'far, sexto *imã* chamado Isma'il, traz nova sucessão e seus seguidores o consideram o sétimo *imã* legítimo e, assim, desenvolvem teorias esotéricas neoplatonitas; mas, a maioria prefere acompanhar a linhagem do irmão de Isma'il, Mussa al-Kazem e eles próprios se denominam *xiitas duodécimos*, uma vez aceitar a sucessão até o desaparecimento, em circunstâncias suspeitas, do décimo segundo e último *imã*, em 874.

5. Sufismo: o lado místico

O Sufismo versa enredo místico do Islã com o propósito de purificar o coração de todo muçulmano, levando-o à união total com Alá. Uma corrente surgida nos primeiros tempos do Islamismo representada por sucessão de sábios. Exímios intelectuais mesclados a grupos ascetas que viveram no Iraque, no século VIII, institucionalizada, a partir do século XI, nascimento das primeiras *tarikas*, significado de *grandes ordens espirituais*. Mestres que planejaram reuniões a discípulos ao aprendizado denominados *dervixes*; estes têm o hábito de dançar, em intervalos das aulas, num efeito giratório transcendental.

Os *dervixes* dançam para deleite de turistas no Mosteiro Mevlev, em Istambul, nos tempos atuais. E cada líder espiritual, os *shaykh*, possui propósito de organizar ordens inteiradas nesta corrente ortodoxa. As ordens têm seguidores leigos, membros efetivos, conhecidos como *faqires*. Enfim, os *dervixes* integram uma irmandade de sufistas turcos que giram, na busca de controle espiritual enérgico, por meio da dança. Ortodoxia que constitui versão normativa do Islã, conquistando posição gradual, mediante lutas radicais contra o que originalmente era *Religião* pluralista, mesmo porque o Islã, ao longo de sua história, desenvolveu variedade de estilos religiosos com opções aos fiéis, sendo uma delas puro misticismo mesclado ao amor a Alá, repleto de influência monástica e gnóstica na busca da união do Espírito ao Criador. A doutrina apresenta, ainda, exposição espiritual religiosa, classificando o Cosmos, *Bah'a*, delineado por cinco Mundos de Alá: *Hahut*, Reino do Um; *Lahut*, Reino do Intelecto; *Jaharut*, Reino do Poder; *Malahut*, Reino dos Anjos e *Nasut*, Reino da realidade físico-mental. Na verdade, mesmo princípio da *sephiroth*, a *Árvore da Vida*, encontrada na *Cabala* judaica.

6. O Império otomano

O Oriente Médio, atualmente, é dividido em três grandes zonas econômico-sociais: a árabe, a turca e a persa compartilhadas em graus diferenciados pela identidade muçulmana no âmbito da interação e influência mútua entre elas. O século XVI se torna marco divisório quando novo Império muçulmano sucede o antigo califado, emergindo de sua base na Anatólia na conquista de grande parte do Mundo árabe. Esse Império é o otomano, cujo grupo árabe implanta supremacia sunita. Mas naquela época a Pérsia não havia sido derrotada e nova dinastia, também de origem turca, a safávida, estabelece o Império persa impregnado pela imposição do xiismo. Durante séculos os dois Impérios hostis entre si, o implacável Império persa e o renovador Império otomano continuaram em guerra, desdobrada em rivalidade ideológica, saldo em que a Pérsia passa a ter novo

nome: Irã, desde 1930, e regime xiita. Já o restante do Oriente Médio assume o sunismo, Religião predominante.

De perfil extremamente tolerante na identidade religiosa, aberta a todos os sunitas, o Império otomano se torna independente tanto no idioma quanto na nacionalidade, cuja primeira expansão acontece no século XIV, na Anatólia; o Império bizantino enfraquecia desde a queda dos seljúcidas, abrindo espaço à invasão da tribo turca de Osmã, filho de Orhan, nome origem da dinastia dos otomanos. A tenacidade e a valorização militar os tornaram legendários em guerrilhas, os *ghazis* otomanos. Época em que não se conseguia ultrapassar as fronteiras bizantinas, os *ghazis* otomanos se utilizaram de arma inédita: o “fogo grego”, arma bélica de efeito incompreensível até hoje. Eles ultrapassam Constantinopla, novo nome de Bizâncio, homenageando Constantino, imperador romano e, assim, expansão dos Balcãs, em 1389, quando destruíram a resistência dos sérvios, no Campo dos Pássaros Negros, em Kosovo; mas são interrompidos por Tamerlã, líder mongol islamizado, em 1402. A restauração levou uma geração, iniciando período denominado *Império da pólvora*. Logrado pelo armamento bélico composto por 49 canhões que explodiam bolas de pedra nos mesmos moldes da derrubada do Muro de Constantinopla.

Os sultões do século XV subjugarão o que permanecera do antigo Império bizantino e Constantinopla é totalmente derrotada, em 1453, tornando-se Istambul, a nova capital otomana. Ao mesmo tempo possessões venezianas e genovesas no Mar Negro e no Mediterrâneo Oriental, além de cadeias de ilhas voltam a ser robusto mercado comercial, devidamente restaurado. O auge do Império otomano é registrado no século XVI; o Oriente Médio é conquistado desde o Iraque até a Arábia Saudita junto aos sítios sagrados do Islã, desde a África até fronteiras do Marrocos e dos Balcãs, atingindo Viena. A conquista abrange sucesso, sob o comando do sultão Suleiman, o Magnífico, que derrota os inimigos, a saber: *safávidas*, na Pérsia, atual Irã, e os habsburgos, na Europa.

Os cristãos ocidentais declaram os turcos uma nova ameaça principal e o Rei da França intima Carlos V, aliado a eles, a apaziguar a situação. As razões de Estado são superadas nas antipatias religiosas recíprocas. Entram em cena os *janízaros*, jovens cristãos – recebidos a título de tributos – escravos das aldeias *dhimmis*, educados como soldados muçulmanos, devotos do sultão e colaboradores na expansão muçulmana. Ao passar dos tempos, os *janízaros* se tornam casta corrupta. O Império otomano se embasava em dois elementos: nobreza militar assentada nos *timariotes* turcos pertencentes a uma instituição religiosa de gradis composta por juizes e magistrados que aplicavam normas jurídicas editadas na *châr'ia* e grupo dos *ulemâs*, amoldadas ao *modus vivendi* da comunidade árabe.

O Império otomano foi o último grande poder muçulmano não árabe na unificação do Oriente Médio e parte da Europa, permanecendo ativo por três séculos até

o desfecho final, durante a Primeira Guerra Mundial, lembrando que além do controle do Mundo muçulmano, controlava o acesso ao Extremo Oriente. No século XVI, otomanos e espanhóis atingem o grau de superpotências rivais do Mediterrâneo e, no século XVIII, o Império otomano seguia mantendo gigantesco comércio e poderio. Porém, o Império iniciava estagnação de ordens social e militar, incluso fracasso do segundo assédio de Viena, em 1683, como, também, lento acolhimento territorial turco ao Norte do Mar Negro e nos Balcãs. Computa-se a expansão russa e a do comércio transoceânico que, por sua vez, ganha relevância, por meio das caravanas da Rota da Seda.

O Império otomano não empreendeu invenções, estruturas próprias tampouco curiosidade à vida ocidental ou evolução na *Religião* durante a sua vigência, mas se fez presente até o século XIX; o fim do Império vem por fatos controversos antigos acontecidos até a implosão nas décadas de 1914-1918, período em que a maioria dos pensadores e filósofos muçulmanos estava propensa a ocidentalização. Enfim, o Império teve o mérito da sua existência na *História do Oriente Médio* junto à expansão desde a *Religião à Châr'ia, Lei muçulmana*, honrada em outras partes da Ásia. Ressalva-se também que a queda e enfraquecimento do Império otomano é registrada pela tentativa frustrada de modernização militar, administrativa e religiosa por parte de *vizires* e sultões de aspirações reformistas, despertando oposição em interesses privilegiados dos pilares antigos do regime otomano, vindos dos *paxás* corruptos nas Províncias e dos *janízeres* e *ulemás* na capital.

O exemplo vem do sultão Selim III, 1789-1807, que pagou com a própria vida na tentativa de estabelecer novo Exército imperial muito mais profissional em parceria com o seu sucessor Mahmud, 1808-1839. Somente, em 1826, se consegue eliminar os *janízeres* como, também, o envio de alunos turcos para estudar em Paris. O envio de estudantes às Escolas parisienses teve o propósito de informação aos segredos militares, abertura de caminho às *tanzimat*, série de reformas, as quais transformariam o Império em estruturas modernizadas. Academias foram abertas a esses ensinamentos, incluso jurídicos; dentre eles, a da propriedade privada de terras, substituindo o caos feudal, possibilitando investimento agrário racional. Impostos foram racionalizados e o recrutamento militar introduzido, *millets* e súditos sem direitos cederam à igualdade nominal entre civis adeptos de outras *Religiões*. Liberais exultaram, enquanto *ulemás* ficaram escandalizados; as *tanzimats* não conseguem frear a penetração ocidental, mas o Império manteve sua independência. *Resultado: incapacidade do Estado na proteção de sua população, afetando sua legitimidade.*

Por último, o Império otomano, no século XIX, sofre derrotas dos russos e dos povos cristãos dos Balcãs em busca da independência quando, também, mercadores franceses, italianos e belgas passam a controlar o comércio egípcio e otomano, enquanto

ingleses exerciam poder político, além de fiscalizar, militarmente, o Canal de Suez, importância vital para assegurar o caminho para a Índia.

7. A Índia muçulmana

Há séculos o Hinduísmo predomina na Índia, *Religião* politeísta marcada por dezenas de deusas e deuses venerados pelos indianos. A infiltração muçulmana em territórios indianos acontece a partir do século VIII em Passo Khyber, entrada tradicional e propícia à invasão de forasteiros oriundos da Região Oeste, anexa a atual fronteira afegã-paquistanesa. Em expansão, o Islã já havia atingido o extremo meridional há mil anos; mais tarde, perde o poder para os colonizadores ultramarinos ingleses. As interações com a Índia eram mais pacíficas em parâmetro ao interior do Oriente Médio. No início do Islã, a Índia era formada por civilização de economia robusta com enormes mercados, visitados por compradores de toda parte do Mundo antigo, principalmente pela venda de produtos exóticos. A cultura indiana na Agricultura e na Arte artesanal possibilitava presença de população densa, em particular do Vale do Ganges que dada riqueza sustentava Reinos fragmentados.

Nesta época, o empecilho maior da Índia era a unidade política, mesmo porque a coesão da civilização se apresentava, em primeiro lugar, voltada aos ideais religiosos e de normas sociais e jurídicas, base que diferia profundamente da islâmica e de concorrentes cristãos, além do Mediterrâneo; coincidentemente período em que bizantinos e latinos compartilhavam com o Islã, o monoteísmo, a crença ao Deus Único.

A *Religião* hinduísta é diferenciada do monoteísmo, mediante conceito cósmico cíclico, considerado na inexistência da verdadeira criação e, portanto, inexistência na superioridade do Criador sobre suas criaturas. E na expansão islâmica árabe incorpora o Sind, o Baluchistão e o Afeganistão; em 711, delimita o Rio Indo como fronteira. A primeira incursão na Índia acontece mais tarde, em 1018, quando o líder de uma tribo turca recém-islamizada, Mahmud de Ghasny, estabelece um Estado sunita extremista ao redor de Cabul, conseguindo conquistar o Punjab setentrional em ataques destruidores contra Estados e templos hindus; os *ghasmávidas* se retiram, advindo período de calma relativa até 1175. Um novo líder, Muhammad de Ghuri derrota a liga dos *raiputes*, os príncipes hindus, conquista a Planície do Indo e do Ganges até o Golfo de Bengala e, por fim, estabelece o sultanato de Délhi. Mediante a conquista, os muçulmanos nunca foram derrotados, permanecendo na Índia, onde se desenvolve um regime teocrático muçulmano.

Os muçulmanos que se assentaram na Índia se deparam com problema inesperado: a comunidade imbuída por *Religião* díspar em parâmetro aos preceitos islâmicos de integração em uma *dhimma* se comporta incomodada pela conversão ao Islamismo e reivindicação à *Religião* original, totalmente utópico. Uma vez convertido

ao Islamismo, o abandono, reza a *Lei muçulmana*, ser inaceitável. A solução do dilema foi contrária a do Oriente Médio: conquistadores muçulmanos não árabes – da linhagem mongol-turca –, de cultura originária persa tornam-se camada dominante; todavia, não assimilaram à sociedade hindu majoritária e à distância o regime religioso, social, e a política, permaneceu. O tratamento oferecido aos hindus se apresentou ambíguo, uma vez vitimados por perseguição religiosa. Eles sofreram massacres, destruição de templos e, como eram numerosos, não chegaram à exterminação; outras vezes, aceitos como *dhimmis* na condição obrigatória de pagamento de impostos *per capita*.

A relação se torna harmoniosa e permanente, marcada por ambivalência durante séculos, mas com convivência complicada; sultões de Délhi mantidos no poder até o século XV. O capítulo continua quando cinco dinastias muçulmanas exploram camponeses hindus mediante alto preço cobrado do comércio com o Oriente Médio e, na década de 1340, o sultanato chega na sua maior extensão, sob o comando de Muhammad bin Tughluq que passa a controlar parte setentrional; porém, suas conquistas não perduram por muito tempo, cujo motivo o saque de Délhi por Tarmelã, em 1308, arrebatando o sultanato. Nova invasão à Índia surge, em 1525, pelo bisneto de Tamerlã, Babur, o Tigre, que conquista a Índia, a partir da Ásia Central e eliminando resquícios do sultanato de Délhi, pacifica o território turbulento e estabelece em Agra como a nova capital do novo Império dos *grão-mughals*.

Babur instaura estilo de uma das dinastias mais glamourosas, dada beleza arquitetônica, sob seu comando, mas destrói santuários hindus. Por outro lado, constrói mesquitas e palácios e como apreciava jardins e poesias deixa um legado em diário pessoal; nele, a mostra do alto conhecimento, e inteligência aprimorada; se socializava com aristocratas hindus como, também, muito tolerante com os súditos. Por meio de seu neto, Akbar, 1556-1605, o Império chega ao auge do poder, apelidado *Império da pólvora* e ultrapassa todos os seus contemporâneos, em população e riqueza, moderniza a administração local e introduz em todas as Províncias regime de *mansabdars* militares, isto é, obrigando-os a manter o próprio Exército, cuja maioria composta de muçulmanos estrangeiros, talentosos e leais acompanhados por juízes avaliadores. Akbar ordena precisa demarcação de terras, no intuito de servir de base à coletânea de impostos cobrados e exigidos pelos *zamindars*, responsáveis locais hindus. A sua reforma uniformiza a administração, posteriormente adotada pelos ingleses. Akbar, mongol muçulmano de cultura persa, pode ser considerado o “*Inventor da Índia*” que há mais de mil anos nunca havia sido unificada. Sem exagero, permite classificá-lo “o idealizador da Índia” da maneira como se entende a si mesma: uma Nação pluralista, tolerante à diversidade e contrária à sua vizinha geográfica, o Paquistão.

8. A Etióbia na Era do Islã

O Estado africano etíope, classificado como um dos mais preservadores do seu território e do Continente da África, devia ser mais valorizado por obter resguardo a preciosos acervos de cunho religioso que compõem dados da civilização primitiva pré-cristã da *História da Humanidade*. Mosteiros contendo igrejas encravadas em montanhas rochosas; dentre elas, o mosteiro que preserva a *Arca da Aliança*, embora nunca comprovado. Os etíopes lutaram contra muçulmanos durante anos, principalmente em batalhas navais no Mar Vermelho, quando obtiveram sucesso, por meio de corsários etíopes, os quais devastaram a linha costeira árabe, causando temor aos muçulmanos de que cristãos pudessem capturar a cidade de Meca.

No século XIII, os muçulmanos recuperaram as terras subtraídas pelos etíopes, expulsam navios cristãos para fora do Mar Vermelho, além de capturar e destruir suas cidades costeiras. Os povos do Leste e do Sul são convertidos ao Islã, em período que os etíopes se encontravam divididos entre si. O mais importante desses grupos foi a de Yifat, localizada nas colinas entre a Etióbia e a Costa do Mar Vermelho seguida por Adal, mais a Leste. Eles abandonam sua antiga capital, Axum, e sua cidade portuária, Adulis. Em novo capítulo, os etíopes seguem em direção de um platô dominante no país, quando mosteiros duplicaram em robustas fortalezas, construindo casas seguras, refúgio que se tornam históricos e importantes documentos vivos, objetos da civilização primitiva etíope.

Afortunadamente, apesar de algumas caramuças ocasionais entre Yifat e Adal, as relações entre novos sultanatos eram razoáveis; a tradição muçulmana reza que o profeta Mohammed havia abençoado a Etióbia, onde muitos de seus seguidores encontraram abrigo e proibidos de declarar Guerra Santa contra a Etióbia; e, assim, os sultanatos costeiros se sentiam prazerosos em pagar tributos ao poderoso Império etíope; as rotas de comércio entre a Etióbia e o mar permaneceram abertas, ainda que sob o controle muçulmano. Mais tarde se originou a Dinastia etíope *Zagwe*, sendo o mais famoso membro o Rei Lalibela, governante no começo do século XIII e que tinha empatia pelos muçulmanos radicados em terras africanas etíopes.

9. A châr'ia muçulmana e os cinco pilares do Islã

A *Lei* muçulmana é a *châr'ia* embasada na conduta em que o adepto fiel deve obediência na jornada da sua vida; o *Alcorão*, e *hadiths*, compõem a base e o fundamento legal; se caso determinado aspecto jurídico e social não seja abordado pela *châr'ia*, o *Princípio da Analogia* é empregado. Em última instância, a *orientação à comunidade muçulmana* é consultada, uma vez os institutos de julgamento completar

tradição de ensinamentos transmitidos, oralmente, pelo profeta Mohammed versados em coletâneas. Os seus ensinamentos, cumpre salientar, só perdem para o *Alcorão*, em termos de autoridade.

Quatro Escolas de Direito foram criadas no intuito de interpretação e aplicação do rito jurídico aos moldes da *châr'ia*, a saber: *chafita*, *hanhalita*, *hanafita* e *malequita*; esta última a mais reconhecida. Os xiitas têm Escola de Direito própria, mas as regras de alimentação são encontradas em todos os institutos de Educação, uma vez a *châr'ia* apresentar instrução abordando alimentos a serem utilizados e animais que podem ser abatidos ou servidos como comida; havendo, também, rituais para o abate para que a carne do animal seja considerada *hadal* = *permitida*. As demais explicações são chamadas de *tafsir* como, também, outro tipo de comentários consiste em análise esotérica da essência do *Alcorão*, servindo de fundamento legal à *châr'ia*.

A *Lei* muçulmana, em exposição positiva, ensina realização a ser providenciada em abluções no deserto, onde não há água; quem tem direito à herança; comportamento feminino da mulher em vestimenta; juros concebíveis em transação econômica ou, ainda, em quais condições um juiz muçulmano é classificado para aplicar condenação à morte de réus assassinos e adúlteros. Objetivo de não se criar *Leis* e normas jurídicas, de alçada única de Alá: legítimo guardião do Poder Legislativo. Por último, desafio à aplicação de circunstâncias mutáveis na classificação de atos obrigatórios, neutros e proibidos na composição das cinco categorias da *châr'ia*, em caso de transgressão e imposição de severas e dissuasivas punições previstas.

Na obtenção óbice de respostas, legistas optam pela autoridade de quatro fontes jurisprudenciais, advindas do *Alcorão*, considerado eterno e anterior à Criação; entretanto, os ditames são considerados contraditórios e de difícil interpretação hermenêutica; caso da bebida do vinho ora permitido ora proibido, por meio de diversos versículos. Por fim, questões sem solução que passam por análise respaldada no *raciocínio analógico*, *qiyas*. Isso porque, com o passar do tempo, lendas se acumularam, acerca do fundador da *Religião* islâmica; cria-se uma Ciência crítica desenvolvida no intuito de conferência à autenticidade das *qiyas*, isto é, a busca do aperfeiçoamento jurídico. A ortodoxia da *châr'ia* chega a integrar a mística posição minoritária, submetida pela Teologia oficial em circunstâncias turbulentas vigorantes até a fundação das Escolas jurídicas, no século XIII.

O muçulmano tem o dever de praticar os cinco pilares do Islã e cada um dos pilares sustenta a estrutura islâmica, proporcionando base sólida à *Religião*. O mais importante pilar é a da *profissão da Fé*, o primeiro, a *chahada*; suas palavras proclamam unidade a Deus e importância do profeta:

Só há um Deus (Alá) e
Maomé é o profeta

A *chahada* é o testemunho da Fé islâmica e condição para conversão e ao recitar com sinceridade essas palavras, o fiel comprova sua aceitação da Fé. O *salat*, prece ritual, é o segundo pilar e o muçulmano deve orar cinco vezes ao dia, voltado em direção à Meca. A oração, *jum'a*, tem lugar na mesquita toda sexta-feira em período vespertino e em horários anunciados pelo *almuaden*. O *zakat* ensina que todos os muçulmanos são obrigados a ajudar os necessitados dando-lhes esmolas, ato conhecido como *zakat* ou purificação e implica, também, noção de que Alá pode ser venerado indiretamente ao mostrar gratidão por seus favores concebidos. O *sawm* ou jejum é o quarto pilar do Islã e deve ser praticado durante o *ramadã*, no nono mês do ano lunar. Eles não devem se alimentar nem tampouco beber, desde o amanhecer até o fim da tarde, sendo o jejum interrompido ao anoitecer e, em geral, saboreando tâmaras e água, antecipando a ceia feita em casa. Por último, o *hadi*, a peregrinação à Meca, ao menos uma vez na vida, aos que têm condições financeiras. É o quinto pilar e realizado no décimo segundo mês do ano conhecido como *dhu al-hijja*, quando os peregrinos se vestem com roupas brancas sem costura, *ihrams*, usadas também como mortalhas. Anualmente, cerca de 3 milhões de peregrinos visitam a Meca e de duas maneiras como *'umra* ou visita à Mesquita Sagrada ou como *hady*, visita após a de Meca ao Monte Arafat; a *'umra* pode ocorrer em qualquer época, mas o *hady* só é possível no mês do *dhu al-hijja*.

Em 1970, até então, o muçulmano era considerado portador de comportamento misógeno, vilipendiado a partir do apogeu de um movimento feminista, por meio de imagens cruéis, retratando maus-tratos às mulheres afegãs e elevando generalização de que era a condição de todas as mulheres muçulmanas. O fato, narrado em artigo do *The Distorced Image of the Muslim Woman* pela jornalista norte-americana Naasira bint Ellison, convertida ao Islã, publicada na *Hudson Magazine*, em Nova York, e divulgado pela tradutora Sarah Siqueira. Todavia, mais tarde, o artigo é considerado distorcido em imagem e exposição redatorial como, também, refutado contrário pelos que conhecem a realidade do Universo Muçulmano, porque o *Alcorão* tenciona estabelecer equilíbrio absoluto entre o homem e a mulher; nunca precedendo detrimento entre um e outro.

A base da *Religião* muçulmana não determina qualquer tipo de discriminação contra a mulher; porém, interpretações radicais das escrituras deram origem de casos brutais. A opressão contra a mulher é comum em países que seguem com rigorosidade a *Lei* muçulmana, a *châr'ia*, e têm tradição contrária à liberdade da mulher, a exemplo do Afeganistão, controlado pelo Talibã. Mas a maioria cede equilíbrio de tendência harmoniosa: a Turquia, desde a administração do genial general Atartuk. O que se observa é que a tradição islâmica se apresenta repleta de referências positivas ao Universo da mulher muçulmana. Exemplo originário da nobre Aicha, mulher de Mohammed, reconhecida pela aflorada inteligência. Ela participou de quase todos os debates públicos,

incluso em assuntos da comunidade islâmica, simples ou complexos, e presença participe de decisões finais. Aicha, após a morte do marido, preservou e divulgou suas tradições e sempre lembrava a importância dos laços familiares extremamente importantes para ela. Dona de histórica passagem pessoal, Aicha é legado da personalidade feminina, admirada até hoje na *História da Humanidade*.

Um aspecto interessante do *Alcorão* é a narração de como nasce um demônio chamado “*príncipe das trevas*”, de “*maldito*”, “*tinioso*” e outras designações; esses outros objetivos são usados para definir Satã ou Shaitan, no idioma árabe, palavra que significa “*o adversário*”. Assim como no Cristianismo, a figura do Diabo se faz presente no Islã; tão presente que místicos como ibn Attallah e Shibli, ambos do século X, afirmavam que “*quem não acredita no Diabo não acredita em Deus*”, pensamento descartado por ateus e não ateus. A história de Satanás descrita no *Alcorão* segue a narrativa do *Livro do Gênese*, na *Bíblia* hebraica.

O argumento: quando Deus criou Adão, feito de argila, ordena que anjos e gênios, feitos de luz e fogo, se inclinassem diante Dele; diversos se recusaram a fazê-lo e, assim, foram amaldiçoados por Alá, sendo um deles Iblis, chamado de Lúcifer, na *Bíblia* hebraica; ele chefiava legião de seres imateriais, se afasta de Deus e amaldiçoa Adão, conforme capítulos 4 e 34 do *Alcorão*, pronunciando: “*juro que me apoderarei de parte dos teus servos (os homens). E os desviarei com falsas promessas*”. Nascia Shaitan e com esse nome passou à *História da Religião*, a nossa *História da Humanidade*.

10. Conclusão

10.1. Enquanto o Cristianismo se disseminava pela China e Índia, no Oriente Médio, fatos peculiares desestabilizavam a ordem político-social e religiosa com o surgimento do Islã, de maneira inesperada e de profundo impacto à *Religião* cristã; analisado como a última coisa que se poderia acontecer na Península árabe, área desértica, habitada por tribos nômades e seminômades, a maioria seguidora de cultos politeístas. Algumas delas judaicas e outras cristãs, resultantes das missões comandadas pela Igreja persa, embora houvesse monofisistas, os *gassânidas*.

Bizâncio e Pérsia tinham interesse pela Arábia somente pela produção de *olíbano* pelo qual se produzia o incenso, recurso indispensável aos rituais cristãos; não havia assentamentos na Arábia, exceto na Costa do Mar Vermelho, enfatizando Meca, onde existia grande santuário, *Caaba*, edificação de cor negra, incorporando no interior de sua estrutura física misteriosa *pedra enegrecida* adorada desde tempos imemoriais, portadora de lenda de ser um meteorito. Mas segundo historiadores, pesquisadores e jornalistas muitas outras lendas são verídicas, comprovadas por arqueólogos de várias origens; dentre elas, a da *pedra negra* vinda, de fato, do espaço sideral há milhares de

anos e desenhada por brilho jamais visto mas perdido parte da tonicidade pelo andar dos tempos.

Os muçulmanos acreditam que *Deus criou todas as coisas e descobrir o Mundo é aprender sobre a Criação*, base do Islã que sempre valorizou o conhecimento e a erudição. Desta assertiva, o Universo islâmico se expandiu de maneira sustentável e constante entre 600 e 1200, por meio de mercadores muçulmanos em suas viagens no Norte africano, Ásia e Sul europeu. A Espanha muçulmana se torna centro vibrante de erudição e criatividade artística, levando à difusão de descobertas científicas orientais e islâmicas na Europa da Idade Média. Vale ressaltar que entre os séculos IX e XIV, cientistas e matemáticos muçulmanos formularam a base da *Ciência moderna* e pioneiros no complexo ramo da álgebra e avanço na geometria, criando a trigonometria.

Na difusão do Islã pelo Mundo, os muçulmanos assimilaram outras culturas, adotaram o conceito do zero da Índia e traduziram livros científicos antigos do grego para o árabe; por volta do século X criam as *madradas*, centros de Educação superior, em geral anexos às Mesquitas, todas edificadas por arquitetura esplendorosa que floresceram em encantamento deslumbrante o cenário islâmico, algumas em vigência nos dias atuais. Nas *madradas* são ensinados *Teologia islâmica*, hermenêutica do *Alcorão*, a *châr'ia*, o *Direito islâmico* e muitas outras disciplinas, sendo a *Escola al-Azhar*, no Cairo, a mais antiga e famosa, fundada em 972. Nos séculos X e XI, a Espanha é novamente classificada centro de erudição, uma vez Córdoba apresentar currículo com setenta bibliotecas e setecentas Mesquitas.

Na área da Medicina, muçulmanos ampliaram pesquisas realizadas por médicos da antiga Pérsia, descobriram a circulação do sangue no corpo humano e previram a cura de doenças como a varíola, sendo o mais famoso antigo médico muçulmano reverenciado o persa Ibn Sina ou Avicena (980-1037), Autor da obra *Cânone da Medicina*, classificada referência básica, inclusive no Mundo moderno. Os muçulmanos pesquisaram as obras de antigos cientistas mesopotâmicos, como a do astrônomo alexandrino Ptolomeu, inventaram instrumentos de navegação, o astrolábio, que serviu traçar mapas exatos das estrelas, criando tabelas astronômicas utilizadas por séculos, além de dar nomes às estrelas, energia do planeta, a exemplo da *Betelgeuse* e *Aldebarã*, atualmente em uso. Por último, na criação da arte impecável islâmica de uma civilização de potencialidade pela aplicação da cerâmica, da madeira entalhada e tapeçaria, enfatizando as esteiras de oração, elaboradas para as preces com decoração centrada em um *mihrab*; encontrados no Irã, na Turquia e na Índia.

Os muçulmanos estão presentes em 120 países e em muitas Nações, Irã, Indonésia e Paquistão, população majoritária; minorias na França, Inglaterra e Alemanha. A influência moderna ocidental acarretou reação de líderes religiosos que tentam retomar a Fé original, cujos seguidores desse movimento são conhecidos como *fundamentalistas*,

influentes no Irã e no Afeganistão. O fundamentalismo islâmico sustenta que o Islã é uma concepção que incorpora assuntos públicos e privados e que o *Alcorão* e a *châr'ia* são aplicados a todos os aspectos da vida, abrangentes desde o familiar até a política, a economia e aos fiéis. Em síntese, reação ao modernismo islâmico e ocidental, enfatizando a importância das escrituras.

Em 1941, funda-se na Índia movimento político islâmico por Abu al-A'la al-Mawdudi no intuito de estabelecer no Paquistão Estado islâmico, embasado no *Alcorão*, o *Jamaat-al-Islami*, empenhado no aumento da influência do Islã, mas sem sucesso. Em 1928 é fundada a sunita *Irmandade Muçulmana*, Escola chamada *Hassan al-Banna* na tentativa de reformar a sociedade da época como, também, reafirmar a base da Fé islâmica. A *Irmandade* combatia a influência ocidental enfocada, principalmente, a favor dos jovens; mas, por sua vez, reconhecida pelo fato de promover série de fundações de Escolas, incluso as de Direito, e de hospitais; porém, se tornou ameaça ao Governo militar egípcio; por isso, banida, em 1954. Mas se expandiu na Síria, Palestina e no Sudão.

Outro movimento, *Nação do Islã*, criado por cidadãos afro-americanos nos anos 1939, surge com propósito de situar, propositadamente, a condição social de muçulmanos negros no âmbito de sociedade predominantemente branca e cristã. A instituição defendeu direito à educação, igualdade social e econômica e o *status* da *Religião*; fundada por Elijah Muhammad, torna-se reconhecida pela atuação de outro líder, Malcolm X, orador famoso cativista do *Poder Negro* que atraiu dezenas de seguidores antes de ser assassinado, em 1965. A *Nação do Islã*, todavia, não é aceita por muitos muçulmanos devido suas crenças não ortodoxas.

O mais antigo movimento é o do conservador islâmico Ibn Abd al-Wahhab, século XVIII, acreditando que a sociedade muçulmana ter sido corrompida por ideias não islâmicas e que muçulmanos deveriam se orientar somente pelo *Alcorão* e *hadiths*. São os *wahhabis* que rejeitam veneração de santos e decoração em mesquitas; se tornaram influentes na Arábia Saudita, após a adesão ao movimento do líder saudita Muhammad ibn Saud (1880-1953).

Embora não seja escopo desta exposição, Islã antigo, registra-se em tempos modernos que, no século XIX, pensadores muçulmanos da Índia e do Egito começaram a se preocupar com desafios inseridos pela Ciência, Tecnologia e ideias ocidentais e, assim, tentaram reinterpretar o Islã à luz do Mundo Moderno com revisão da *châr'ia*, rejeição ao Direito Consuetudinário, ou seja, usos e costumes, como a escravidão e a poligamia na área do Direito Civil, época em que o líder nacionalista Mustafá Kemal Atatürk se torna o presidente da Turquia, em 1923, considerado o "*pai da Turquia moderna*"; sábio, ponderado, à frente de pensadores intelectuais que transforma um Estado islâmico em moderna República secular, reduz o poder do Islã, a exemplo do banimento de ordens sufistas e mazelas da corrupção. A Turquia moderna continua como Estado islâmico, mas

aberta a influências não islâmicas, desde o consumo de álcool ao uso do alfabeto romano ... e cada vez mais bela e atualizada. Basta visitá-la!

10.2. A *châr'ia* implica uma das facetas da *Religião* islâmica, oriunda da Mitologia teológica dogmática, desde o pronunciamento de Mohammed, determinando política e nomogogia, amoldando conduta do cidadão muçulmano, independente de sua etnia; lembra-se que *char'ia* significa *caminho a ser trilhado*, isto é recorte teológico a cumprir pelo fiel muçulmano. O Islamismo, ao contrário das tradições europeias, reúne o *espiritual* da *châr'ia* e o *temporal* do *Figħ*, conjunto implementado de soluções, cujas fontes principais sintáticas são quatro: o *Qur'an* (*Alcorão*) base histórica; a *Sunna* (tradição), conjunto de *hadiths* relatados referentes à conduta, também base histórica; o *Idimã*, acordo instituído pelos sucessores do profeta, encerrando interpretações a serem aplicadas tanto ao *Alcorão* quanto à *Sunna* vigentes até o século X, base dogmática; *Qiyás*, o raciocínio por analogia, deduzidos do *Alcorão* e da *Sunna* na busca de amalgamar fontes anteriores.

Por último, além das fontes principais, existem duas fontes secundárias ou complementares: '*Orf*, conduta admitida em adaptações coletivas ou em rituais; e os *Qanoun*, gráficos do Parlamento, acatados desde que não se refute a *châr'ia* que nada mais são do que o conjunto das quatro primeiras fontes. O conjunto tanto das *principais* quanto das *secundárias* resulta no *Figħ*, consolidado no século X e que segundo René David é o "*conjunto de soluções organizadas para se obedecer à châr'ia*" e ainda segundo John Gilissen "*dispondo faculdades e obrigações circunscritas apenas aos muçulmanos com exclusão dos infieis*".

Cumprê salientar que em casos conflitantes entre muçulmanos, o *ghâdi*, interventor mediador não consulta o *Alcorão*, tampouco a *Sunna*; porém, consultas são realizadas nos *Livros do Figħ*, base dogmática interpretativa, consolidada pelo *Idimã* em parâmetro às decisões da *châr'ia*. A assertiva de John Gilissen elucida com precisão: "*a châr'ia muçulmana é o 'Direito' da comunidade religiosa islâmica, ou seja, o Direito regido a todos os adeptos da Religião islâmica, onde quer que eles se encontrem*". Sob a perspectiva política mais ampla, a *châr'ia* açambarca os soberanos e a administração do califado, do Exército, dos tributos, da mediação interventiva dos conflitos por ação dos *ghâdis*, além de defensores entre as partes conflitantes.

Em delitos contra o corpo e a vida, aplica-se a *Pena de Talião* (*qisàs*), de origem babilônica, ou a *composição* (*diyah*), incluso o delito doloso, quando há intenção de matar. Em casos não dolosos pode haver renúncia de sua aplicação, permitindo-se a composição de ambas. Registra-se nos delitos de penas fixas, como o da apostasia, o mais grave, ato pelo qual o muçulmano abjura de sua Fé, blasfema ou profere palavras injuriosas a Alá, a um Anjo ou a um profeta; o criminoso que assim não se retratar é condenado à morte.

Há assuntos negligenciados basicamente pela *châr'ia*, como as questões governamentais que, na visão de críticos muçulmanos, soluções islamitas *não passam de meras interpretações anti-históricas, dando margem à interpretação de que o fundamentalismo muçulmano é inexistente; um exagero para se afirmar tal preceito.* Enfim, os fundamentalistas têm anseio de transformar a sociedade muçulmana e querem que esta transformação emule à comunidade original de Mohammed e dos primeiros califas, em Medina; e que essa nova sociedade virtuosa seja transplantada para o século atual, marcada por novos princípios; dentre eles, a de que *os seres humanos não são mestres de si mesmos: devem obediência e veneração a Alá, a quem só a Ele cabe a soberania, comunicando a Sua vontade à Humanidade, por meio dos profetas, sendo Mohammed o último constante na História das Religiões.*

Segundo Peter Demant,

a rejeição da modernidade ocidental constitui apenas o lado negativo do fundamentalismo muçulmano. Este lado talvez seja o que atrai tantos muçulmanos. Porém, a originalidade do Islamismo está em seu programa político e social positivo. É simples demais reduzi-lo à 'restauração da *châr'ia* como Lei obrigatória'. Ainda que islamitas (e muitos outros muçulmanos) indubitavelmente se reconheçam nesta fórmula, ela é vaga demais. Devemos lembrar que a *châr'ia* não é um sistema acabado, mas antes um método para deduzir, com base em certas fontes islâmicas, as regras obrigatórias (soluções) para uma ampla pauta de questões: rituais, sociais, econômicas, familiares, comportamentais, jurídicas, políticas etc.

Finalizando, não há como não registrar o papel da mulher muçulmana na atualidade, uma vez feministas lutam pela igualdade entre os sexos. Elas argumentam que as escrituras islâmicas sempre foram interpretadas por homens conservadores, levando à discriminação como, também, que o Islã, mediante compromisso pela Justiça social deveria ter dado garantia à igualdade e, ainda, segundo as mulheres feministas, à época do profeta Mohammed, as mulheres tinham ampla liberdade. Elas estão vencendo; por exemplo, na Arábia Saudita, foram autorizadas portadoras de carteira de habilitação, antes devidamente proibidas de dirigir veículos.

Em premissa final, não há consenso sobre as fontes; as aplicações se desenvolvem conjuntamente com a evolução da sociedade – rica, Arábia Saudita ou pobre, Sudão do Sul – que, por sua vez, coloca sempre novos desafios. Se o sistema *châr'ia* não é fechado, os especialistas não estão de acordo sobre seu conteúdo. São *Leis* em regras ditadas pela autoridade estatal, tornada obrigatória para se manter ordem e progresso em uma comunidade. Ordenar a vida social é da competência ou alçada de governantes como, também, pelo próprio povo.

Existem muitos movimentos e tendências fundamentalistas com enorme diferenciação. A mulher vestida pela burca participa no Irã fundamentalista junto aos *aiatolás xiitas* na vida profissional e pública; todavia, no Afeganistão fundamentalista do Talibã sunita ela ficava presa em casa e privada do trabalho formal e da Educação. Inadmissível barrar o direito à Educação privada aos jovens, conforme acontecimento em vale remoto no Norte do Paquistão; o caso da menina Malala Yousafzai baleada no interior de um ônibus, de volta para casa por membros do Talibã. Recuperada, Malala se recusou a permanecer em silêncio e lutou por seu direito à Educação. Segundo o pensador Ban Ki-moon “*a educação é o caminho para salvar vidas, construir a paz e fortalecer os jovens. Essa é a lição de Malala e de outros milhões como ela estão tentando ensinar ao Mundo*”. Por outro lado, na Arábia Saudita, a Fé fundamentalista é alinhada ao estilo de vida de milionários, seguros de que Alá favorece sua propriedade privada.

O Universo Muçulmano tem raízes no Islã, *Religião* embasada no *Alcorão*, nas *hadiths* e na *châr'ia* em guerra de cultura instituída pelo profeta Mohammed; sistema religioso expandido com rapidez, conforme dissertado, em época que o Oriente Médio era povoado por 95% de cristãos como, também, pelo enfraquecimento do Cristianismo na Europa. Suas histórias – mescladas aos Impérios – tornaram-se atrativas a historiadores, jornalistas e pesquisadores que têm dedicação em repassá-las, mesmo porque elas enriqueceram a *História das Religiões* e conseqüentemente a *História da Humanidade*.

São Paulo, fevereiro de 2020.

Referências

ALCORÃO. *Alcorão sagrado*. Traduzido por Samir El Hayek, com apresentação de Abdalla Abdel Chakur Kamel. Rio de Janeiro: Otto Pierre Editores, 1979.

ALCORÃO. *O significado dos versículos do Alcorão sagrado*. Tradução do árabe e comentários de Samir El Hayek. São Paulo: Marsam Editora Jornalística, 1994.

ARMSTRONG, Karen. *Em nome de Deus: o fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

ARMSTRONG, Karen. *Maomé: uma biografia do profeta*. Tradução de Andréia Guerini, Fabiano Seixas Fernandes e Walter Carlos Costa. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

ARMSTRONG, Karen. *O Islã*. Tradução de Anna Olga de Barros Barreto. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

CAMPOS NETO, Antonio Augusto Machado de. A châr'ia muçulmana. *Revista da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo*, São Paulo, v. 101, p. 33-70, jan./dez. 2006.

DAVID, René. *Os grandes sistemas do direito contemporâneo*. Tradução de Hermínio A. Carvalho. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

DEMANT, Peter. *O mundo muçulmano*. São Paulo: Contexto, 2004.

GILISSEN, John. *Introdução histórica ao direito*. Tradução A. M. Hespanha e L. M. Macaísta Malheiros. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1995.

LEME, Lino de Moraes. O direito muçulmano. *Revista da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo*, São Paulo, v. 55, p. 71-83, jan./dez. 1960.

MONSHIPOURI, Mahmood. O mundo muçulmano em uma era global: a proteção dos direitos das mulheres. *Revista Contexto Internacional*, Rio de Janeiro, v. 26, n. 1, p. 187-217, jan./jun. 2004.

OLIVEIRA, Paulo Eduardo. *A mulher muçulmana segundo o alcorão*. Rio de Janeiro: Palavra e Imagem, 2001.

SILVA, Justino Adriano Farias da. Introdução ao direito muçulmano. *Estudos Jurídicos*, São Leopoldo, v. 24, n. 62, p. 87-97, set./dez. 1991.

YOUSAFSAI, Malala. *Eu sou Malala: a história da garota que defendeu o direito à educação e foi baleada pelo Talibã*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2013.